

# Abrindo alas para os estudos e pesquisas literárias na lusofonia

O mundo literário é vasto, é multilíngue e multicultural. Vivemos numa sociedade em que a literatura não pode ser descartada na sua intenção de ser um vetor importante nas reflexões sobre o mundo, o mundo real e imaginário que envolve qualquer sociedade. A literatura implica escrever e a escrita surgiu a 5000 anos e é uma tecnologia muito eficiente que permite a comunicação com públicos distantes geograficamente. A imaginação é fundamental para o desenvolvimento do ser humano. Escrever não é fácil, exige um conjunto de habilidades intelectuais e mecânicas para produzir os diversos gêneros textuais.

Os estudos literários no mundo e em especial na lusofonia se manifestam por meio da língua portuguesa, que apesar de ter variedades e dialetos consegue manifestar o imaginário dos autores. Quando escrevemos, desejamos que o OUTRO possa ler e entender. Não basta ler sem entender. Por isso, o escritor precisa ser o mais sistemático possível na produção textual para que o texto seja lido e compreendido a partir das experiências do leitor. O leitor é um escritor porque coloca expectativas e crenças no texto que lê (Cabi, Timbane, 2022). Por outro lado, o escrito é um político, é um influenciador (positivo/negativo), é um formador de opinião que o tempo todo precisa ser estudado pelo leitor.

Não existe uma única forma de falar português e essa fala se manifesta na produção escrita ou nas obras literárias. Falamos todos a língua portuguesa e essa língua tem novos requintes, novos referentes presentes em cada variedade e essas marcas se mantêm presentes na obras literárias. A interpretação dos “não ditos”, das mensagens “subentendidas” estão presentes nessa literatura que para o caso dos PALOP só teve o seu início na década 60 com os movimentos de luta contra a opressão colonial.

A lusofonia convive com várias literaturas que são expressas por variedades linguísticas coroadas por contextos socioculturais bem diversos. O José Craveirinha, o Mia Couto, a Paulina Chiziane escrevem a princípio para o público da sua variedade linguística. Se as suas escritas fossem direcionadas para o público brasileiro, por exemplo, todos os moçambicanismos léxico-semânticos seriam eliminados. Os escritores fazem questão de buscar aquela palavra do português de Moçambique, aqueles contextos das realidades culturais de Moçambique, o que mostra essa ideia de pertencimento.

Da mesma forma, a Conceição Evaristo, Itamar Vieira Júnior, o indígena Ailton Krenak escrevem para o público da variedade brasileira do português. Se os seus escritos fossem para o público de Moçambique, identificaríamos muitas unidades lexicais da variedade moçambicana. É claro que estivessem interessados, fariam uma pesquisa para incorporar termos do português de Moçambique. O mesmo se pode dizer com relação ao Valter Hugo Mãe, ao Ondjaki, ao José Eduardo Agualusa em Angola, e assim sucessivamente. Cada um dos autores escreve as suas obras a partir de um imaginário linguístico e cultural. Os glossários, os pequenos dicionários e as notas de rodapé que cada autor procura colocar nas obras é uma

prova de que os escritos já tem um público definido e os glossários são precisamente para esclarecer a um público externo ao da sua comunidade linguística.

Para o povo externo à variedade do autor, coloca-se um glossário para ajudar na compreensão do texto. No documentário “Línguas, vidas em português”\*, do José Saramago, escritor português fica claro que “Não há uma língua portuguesa, há línguas em português”. O que Saramago chama de “línguas em português” são as variedades, pois na lusofonia apenas temos uma só língua portuguesa e que essa língua permite a comunicação em meio tantas variedades que surgiram devido ao multilinguismo.

O português, sendo uma língua sem nação, isto é, sem dono, a literatura também caminha nesse sentido, deixando claro que a literatura é de todos nós que compartilhamos o sistema linguístico da língua portuguesa. É indiscutível o ganho da aquisição/aprendizagem do português em África, por exemplo. Amílcar Cabral dizia que “o português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram porque a língua não é a prova de nada mais, senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo”. (Cabral, 1974, p. 101).

As literaturas africanas de língua portuguesa estão revestidas de um imaginário baseado na cultura local, expressas por meio da variedade local. O imaginário lusófono tornou-se, definitivamente, o da pluralidade e o da diferença, e é através desta evidência que nos cabe, ou nos cumpre, descobrir a comunidade e a confraternidade inerentes a um espaço cultural fragmentado, cuja unidade utópica, no sentido de partilha em comum, só pode existir pelo conhecimento mais sério e profundo, assumido como tal, dessa pluralidade e dessa diferença. (Lourenço, 1999, p. 112).

Pesquisas e análises teóricas sobre as literaturas lusófonas tendem a aumentar, embora havendo poucas oportunidades para publicação. Os textos que serão apresentados neste e-book carregam traços imaginários dos seus autores, inclusive a cultura e a história que os circunda. Para Timbane e De Souza (2022), a cultura se camufla dentro da linguagem fazendo com que as interpretações variem de leitor para leitor, inclusive o vocabulário que é próprio do(a) autor(a). Esperamos que esta obra sirva de reflexões sobre as discussões teóricas literárias num espaço tão complexo como é a lusofonia.

O e-book está dividido em três partes: a primeira, composta por quinze (15) é dedicada às discussões e análises teóricas resultantes de pesquisas e estudos literários. A segunda, composta por sete (7) poemas originais é dedicada às poesias e a terceira parte, composta por nove (9) textos apresenta as narrativas, contos e crônicas.

O primeiro capítulo “*A correspondência entre Ernesto Lara Filho e Lúcio Lara (1959-1963): uma análise da construção do discurso político e a luta de libertação em Angola*” da autoria de Maria Enedina Verçosa Neta, Andrea Cristina Muraro analisa a construção do discurso político, em excertos da correspondência entre o cronista e poeta Ernesto Lara Filho e seu primo Lúcio Lara, no período entre 1959 e 1963, momento em que se iniciava também a construção da luta de libertação em Angola. Sobre a escrita das cartas, a análise procura demonstrar a importância da memória política, mas também as subjetividades envolvidas no processo de escrita.

O segundo capítulo “*Provérbio, polifonia e representação em “Balada de amor ao vento”, de Paulina Chiziane*”, da autoria de Salomão Massingue, Isaías Mucindo Armando Mate analisou a temática e a estilística dos provérbios para interpretar os sentidos mobilizados a partir da noção de polifonia e representação. O capítulo analisa o valor ontológico e o estabelecimento da relação antitética, uma vez que mobiliza-se os efeitos de sentidos contraditórios. Essa constatação reflete, tal como explicamos, a existência de pessoas ou estratos sociais com visões de mundo divergentes, valores em choque e tradições em conflito, representadas em cada um dos provérbios analisados.

---

\* Documentário disponível aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=JBmLzbjmhg>

O terceiro capítulo "*Literatura moçambicana: reflexões sobre a contribuição de Noémia de Sousa*", da autoria de Cristiano José dos Santos Monteiro e Karla Regina Meura da Silva apresenta um estudo qualitativo que analisou textos de "Sangue Negro", obra de Noémia de Sousa. Noémia apresenta uma narrativa em que convida o leitor a um imaginário da realidade moçambicana nas vésperas do processo colonial, almejando uma mudança que consiste na concretização da autonomia de Moçambique enquanto país que tem a sua própria cultura. O privilégio de ser uma mulher negra na produção literária traz consigo muita responsabilidade, visto que sua voz representa a voz da própria nação moçambicana.

O quarto capítulo tem como título "*Discurso colonial e violência simbólica no romance 'a louca de serrano', de Dina Salústio*" e é da autoria de Francisca Patrícia Pompeu. A obra analisada a simbolização pela linguagem que é um ato de violência, uma vez que, quando damos nome a algo, reduzimos, ou destruimos sua unidade, inserindo, muitas vezes, características construídas por instâncias sociais de poder. A imposição de imagens de controle às mulheres africanas é problematizada na obra "*A Louca de Serrano*", da escritora cabo-verdiana Dina Salústio. A pesquisa visou ressaltar as opressões sofridas pelas personagens, ao serem coagidas a se ajustarem a modelos de feminilidades, serão analisadas passagens da obra, nas quais se identifica a problematização dos papéis sociais femininos validados e repassados pelos discursos coloniais.

O quinto capítulo "*Escritas do cárcere: uma ponte para liberdade em 'Papéis da Prisão', de Luandino Vieira*", da autoria de Verônica Nascimento da Silva e de Andrea Cristina Muraro buscou identificar os bilhetes e as cartas em meio às escritas do autor. Fez-se uma seleção entre os vários textos contidos na obra "*Papéis da Prisão*" que para além de cartas, bilhetes e correspondências o autor também escreveu relatos e desenhos de calendários que fez ao longo dos anos. Luandino Vieira ao decorrer do tempo em que esteve na prisão passou a se comunicar mais constantemente com António Jacinto que em algumas cartas se refere ao Luandino como amigo. Para além disso, Luandino escreveu para outras pessoas falando de assuntos relacionados à política, mas usando pseudônimos ou abreviações e siglas para evitar a identidade dos destinatários, isso era necessário, pois muitos dos que estavam naquela prisão eram presos políticos.

O sexto capítulo, "*Autobiografia entre memórias em disputa no contexto moçambicano: uma perspectiva crítica*" da autoria de Salomão Massingue no qual o autor faz uma reflexão em torno do espaço e sentidos implícita e simbolicamente adjacentes ao *boom* editorial dos últimos tempos, marada pela publicação de autobiografias de uma elite política inserida em uma formação ideológica e discursiva, intrinsecamente, ligada à gesta libertária nacional. Diante de uma memória histórica fechada, que exclui sujeitos que contribuíram de outras formas que não seja apenas com armas, que exclui outros processos históricos importantes na edificação do Estado-nação, a literatura escrita aparece como um indispensável espaço de visualização dessas brechas da história e de percepção de outras possibilidades de (re)ler o passado na sua complexidade.

O sétimo capítulo "*O papel de Holden Roberto 'yembe' na mobilização das mulheres para a libertação da África: o caso da UPA/FNLA*" da autoria de Nsambu Baptista Vicente propõe reflexão sobre as mulheres africanas nas lutas de libertação, o caso da UPA/FNLA, em Angola. A pesquisa mostrou o modo como as mulheres eram mobilizadas à participar na luta contra o domínio colonial, quer no exterior (Congo Belga), quer no interior de Angola onde havia bastantes zonas operativas deste movimento. A metodologia utilizada foi a narrativa biográfica individual e coletiva a um grupo de antigas guerrilheiras, assim como análise de documentos arquivísticos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Histórico Militar e Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa. Da pesquisa se eleva a relevância das mulheres na luta pela libertação e que a mulher não pode ser considerada coadjuvante, mas sim heroína importante.

O oitavo capítulo *“Torto Arado’: análise sobre mazelas sociais e literatura engajada no espaço brasileiro”* da autoria de Gregório Bembua Kambundo Tchitutumia resulta de uma pesquisa da obra literária do autor baiano Itamar Vieira Junior, *‘Torto Arado’* publicado em 2019. No romance há uma literatura engajada que busca um olhar para além da própria literatura indo de encontro a problemas em um Brasil esquecido por seus governantes. O ponto focal deste estudo é a trama que gira em torno das personagens principais, irmãs Bibiana e Belonísia, que vivem com a família em uma fazenda de gado. Entretanto, através da história das protagonistas, percebemos que *‘Torto Arado’* reflete sobre a construção da sociedade brasileira e as marcas deixadas pela escravidão, ao mesmo tempo em que ressalta a importância da solidariedade e da união para enfrentar as adversidades.

O nono capítulo *“A dimensão trágica do ‘Magaíza’ na poesia moçambicana”* da autoria de Alberto Mathe desenvolve uma pesquisa teórica recuperando a imagem do “Magaíza”, numa representação que possibilita rastrear o seu percurso, denunciar as condições desumanas em que viaja e trabalha o mineiro moçambicano, as construções sociais sobre o “Magaíza”, a ilusão da ascensão social e o fim trágico desta personagem. A pesquisa evidencia-se a exploração humana pelo capitalismo na vigência do Estado Colonial, para quem os “Magaíza”s apenas eram válidos enquanto servissem de mão-de-obra para as minas da África do Sul, ao mesmo tempo que a sua situação social se degradava quer pela ausência prolongada no seio familiar, quer pelo trabalho desumano que prestavam. Esta poesia privilegia o cruzamento entre a literatura e o tecido histórico-social em que se funda tal produção literária, invocando novos temas e representações sociais anteriormente consideradas marginais

O décimo capítulo *“A representação da figura ambígua de Ngungunyane na trilogia ‘as areias do imperador’, de Mia Couto”* da autoria de António N’Runca e de Sueli da Silva Saraiva desenvolve reflexões sobre a figura de Ngungunyane, o último imperador do Reino de Gaza, Moçambique. Estudou-se como Ngungunyane é configurado como personagem histórico-ficcional na trilogia *“As areias do imperador”*, de Mia Couto, publicada entre 2015 a 2017, nos volumes intitulados: *“Mulheres de cinzas, sombras da água”* e *“O bebedor de horizontes”*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e na análise interpretativa do gênero romance histórico. Para isso, realizou-se uma pesquisa de cariz bibliográfico, relacionando textos teóricos, ficcionais e dados históricos relevantes ao tema, com destaque para a caracterização de personagens e pontos de vista dos narradores. Como resultado, o trabalho aponta a ambiguidade de Ngungunyane como figura mito-heroica na história, identidade e memória do povo moçambicano, conforme a reconstrução crítica e atualizada na ficção coutiana.

No décimo primeiro capítulo *“A representação da ‘morte’ nas narrativas literárias ‘A noiva de Kebera’ e ‘O filho de Mussassa’, de Aldino Muianga”*, da autoria de Jandira Francisco Domingos analisa a representação da morte, para determinadas tradições moçambicanas, e a partir dessa visão, analisar sobre determinadas crenças e práticas ritualísticas decorrente do processo da morte, assim como examinar como os finados são elevados às dimensões de entidades importantes na preservação cultural e na estabilidade das aldeias Sangwa e Mpissane, mencionadas nos contos. Portanto, os contos *“A noiva de Kebera”* e *“O filho de Mussassa”* se destacam absolutamente porque trazem, em suas narrativas, uma perspectiva de análise diferenciada de assuntos como a morte. Portanto, as temáticas no conto são abordadas e expressadas a partir da visão de cultura de Moçambique e de África e não da cosmovisão ocidental ou europeia.

O décimo segundo capítulo *“A literatura guineense contemporânea: nação e representação da mulher no romance de Abdulai Sila, ‘a eterna paixão’”*, da autoria de Cátia Manuel analisa do romance *“a eterna paixão”* de Abdulai Sila buscando compreender o lugar da mulher guineense na luta de libertação. O passado das mulheres foi apagado. Ninguém falava das suas lutas, ou das suas participações em qualquer atividade. As mulheres engajadas desde sempre estiveram na frente da luta pela libertação e se destacaram em papéis de

extrema importância. O romance de Sila debate a ideia do nacionalismo e explana os costumes de uma das etnias guineense –pepel- onde tem uma figura máxima que ordena e toma as decisões nas tabankas, O régulo. O romance de Abdulai Silá “A Eterna Paixão” escrito em 1994, narra a história de um país da antiga colônia portuguesa no período pós-independência. Um período onde reina a individualismo, ou seja, cada um se interessa por si. A desigualdade vem ganhando mais peso. Falta de solidariedade e união, sonhos foram roubados e tudo aconteceu de forma completamente contrária do que tinham esperado ou desejado à nação.

O décimo terceiro capítulo “*Estética e disfemismo em ‘os filhos da pátria’ de João Melo*” da autoria de Estêvão Ludi, Cecília Calulemi e Romualdo dos Santos analisam a estética e o disfemismo em «Os filhos da pátria» de João Melo. Para se atingir os objectivos preconizados, aplicamos a metodologia do tipo descritivo, com a técnica documental, numa abordagem qualitativa. Os dados analisados demonstram que a estética é uma forma de estilo que um escritor adopta para construir o seu texto. Por sua vez, o disfemismo é uma figura de estilo, com intenção de entreter e de persuadir. A sua finalidade consiste, nalguns casos, em provocar prazeres ou sentimentos. A obra em análise demonstra que João Melo utilizou a estética em termos de organização textual, com alguns contos sem pontuação, num estilo próprio. As expressões usadas na obra, aparentemente grosseiras, demonstram o interesse persuassivo, considerando-se como uma forma de estética. O presente estudo enquadra-se na perspectiva literária, olhando para a estética e disfemismo. Este processo dá lugar a figuras de estilo, que é uma das formas de uso de estética, que procura criar deleite nas palavras.

O décimo quarto capítulo “*Entre rezas, rimas e ritmos: representações de ‘festas populares da Bahia’ no cordel de Elton Magalhães*”, da autoria de Davi dos Santos analisa a obra “*Festas populares da Bahia*” (2018), do escritor baiano Elton Magalhães que apresenta significados e valores das festas de: A Lavagem do Bonfim, Festa de Iemanjá, Festa de Santo Amaro da Purificação, a Independência da Bahia e a Festa de Santa Bárbara. Para além disso, a literatura de cordel é nascida do povo e por ele produzida. A obra de Magalhães fala de temas populares, bem como a festa, utiliza-se de um género textual também voltado à tradição popular, o cordel. A forma como ele conduz as narrativas acerca das festividades da Bahia aproxima-se do cotidiano de um povo, visto que o cordel tem essa característica já que expressa a voz popular, a memória e a identidade nacional. Trata-se de uma pesquisa que levanta análises por meio de uma linguagem simples em que na obra é possível identificar a mensagem que o autor quer passar em seus versos.

O décimo quinto capítulo tem como título “*O Lugar da Literatura: a Educação Literária nos Programas de Língua Portuguesa em Cabo Verde*” e é da autoria de Luís Filipe Rodrigues e Hilarino Carlos Rodrigues da Luz. A pesquisa analisa o papel da Literatura no processo de ensino e aprendizagem, em programas de Língua Portuguesa do 1º ao 9º anos de escolaridade, em Cabo Verde. Trata-se de um estudo que por meio de análise dos programas curriculares concluiu que a Literatura é parte fundamental dos programas analisados e, portanto, do ensino da Língua Portuguesa em Cabo Verde. Ainda assim, a Literatura aparece quase sempre mais conotada como fonte de atitudes e valores e é mais frequentemente valorizada pela sua importância histórico-cultural e patrimonial. A pesquisa concluiu que a educação literária é importante, deve ser incentivada e o aluno deve estar no centro do processo de aprendizagem, sendo estimulado pelo professor a se tornar cada vez mais competente na leitura e na expressão dos conhecimentos que adquiriu.

A poesia é uma produção de expressão linguística que por meio da subjetividade e estilo revela pensamentos (reais ou imaginários), sentimentos (verdadeiros ou imaginários) e estado de espírito. A estética clássica entendia a poesia como um produto nobre do espírito, a qual era trabalhada por meio de vocabulário e temas seletivos, dos quais estava excluído aquilo que era considerado baixo e vulgar. Hoje, a poesia ganhou novos recursos de apresentação, ganhou valores acrescidos e pairam na memória de todo falante. Para produzir uma poesia é preciso ter uma língua e é na língua que o jogo de palavras carregadas de significados e

imagens desenham o gênero poesia. Por isso que dedicamos nesta segunda parte do livro a publicação de sete (7) poesias. A inclusão das poesias na publicação visa incentivar e encorajar para que novos escritores possam ganhar confiança e coragem na produção e publicação. As sete poesias inspiram-se em valores poéticos mais profundos da vida em sociedade. Vale apenas apreciar.

A terceira e última parte é dedicada aos contos, crônicas e narrativas. Grande parte dos materiais publicados faz parte das atividades acadêmicas bem como de concursos literários em eventos, como a 6ª Semana de Letras da UNILAB realizado em 2023. Com a publicação destes nove (9) textos literários incentivamos que a criatividade literária seja cada vez mais forte na Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Tal como diz o escritor angolano, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, comumente conhecido como Pepetela “o que importa é mudar a ovalidade do mundo sem dele fugir”. Do ponto de vista de quem olha para este mundo há algo que pode melhorar e cada um pode e deve fazer a sua parte em favor da literatura. A arte literária vive e todo o ser humano é um ser poético precisando de contribuir pelo seu bem estar e pelo bem estar do OUTRO. O EU e o OUTRO se cruzam em favor de NÓS, que é a arte da humanidade.

Esta publicação organizada em e-book oferece ao público leitor análises literárias que acolhem as literaturas brasileira, angolana, moçambicana, guineense, são tomense e cabo verdiana. A publicação resulta de parcerias entre os organizadores (Hilarino, Luís e Alexandre) que iniciou com a publicação da obra “O cabo-verdiano e o português em convivência: descrição, ensino, literatura e cultura” em meados de 2023. Pretendemos oferecer ao público leitor mais materiais que em muitos momentos ficam arquivados em gavetas por falta de oportunidades ou incentivo. Feitas as apresentações, só nos resta desejar UMA BOA LEITURA da obra e que seja uma leitura crítica que engradece pesquisas, estudos e produções literárias.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, A. *A cultura e o combate pela independência*. Lisboa: Seara Nova, Junho, 1971.

LOURENÇO, E. *A Nau de Ícaro seguido de imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999.

TIMBANE, A. A., & DE SOUZA, A. V. R. O feminino e o místico como identidade de Guiné-Bissau na poética de Odete Semedo “No fundo do canto”. *Revista Odeere*, 7(1), 09-31, 2022.

CABI, L. A., & TIMBANE, A. A. Estudos do léxico da variedade guineense do português a partir da obra de Odete Semedo. *NJINGA E SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, vol.2, Especial II, 254–275, 2022.

### Organizadores

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz\*

Luís Filipe Martins Rodrigues\*\*

Alexandre António Timbane\*\*\*

---

\* CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5694-5781>

\*\* Departamento de Ciências da Educação, Filosofia e Letras, Universidade de Santiago, Santiago, Cabo Verde. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5903-5609>

\*\*\* Instituto de Humanidades de Letras, Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil/Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Sergipe, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2061-9391>